

O Bispo e a espiritualidade

Estamos vivendo nestes dias a bela experiência do encontro de bispos no Curso para Bispos no Centro de Estudos e Formação do Sumaré, aqui no Rio de Janeiro. A alegria desse momento e a espiritualidade da vivência da oração em clima de Espiritualidade nos fazem refletir a importância da vida espiritual em meio a tantas situações pastorais e questões administrativas que temos que enfrentar no dia a dia. Um dos temas é sobre os Bispos. Nestes dias de reflexão, pensei em alguns trechos para minha reflexão pessoal, que compartilho abaixo.

No bispo deve brilhar a santidade da Igreja, pela piedade do seu agir pastoral e pela sua vida totalmente iluminada pela vida de Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, o "bom pastor que oferece a sua vida pelas ovelhas" (Jo 10,11).

Jesus Cristo constitui-se permanente única fonte da espiritualidade do Bispo. Por isso, o Bispo, santificado no Sacramento com o dom do Espírito Santo, é chamado a responder à graça recebida por meio da imposição das mãos, santificando-se e conformando a sua vida pessoal com Cristo no exercício do ministério apostólico. "O Bispo deve ser uma alma contemplativa, além de homem de ação, de modo que o seu apostolado seja um *'contemplata aliis tradere'*. O Bispo, convencido de que nada pode fazer sem o *'estar com Cristo'*, deve ser um apaixonado do Senhor. Além disso, não esquecerá que o exercício do ministério episcopal para ser credível precisa da autoridade moral e da respeitabilidade que procedem da santidade de vida, que sustentam o exercício do poder jurídico" (cf. AS 33).

Por isso, o Bispo deve ter uma espiritualidade eclesial que gera comunhão, vivenciando-a positivamente, mantendo unida na caridade a Diocese que lhe é dada como esposa. Santidade vivida e testemunhada que anime os fiéis e o clero a buscar a santidade como anúncio fundamental do Reino de Deus.

"A imagem da Igreja nascente que vê Maria, unida aos Apóstolos e aos discípulos de Jesus na oração unânime e perseverante, na expectativa do Espírito Santo, exprime o vínculo indissolúvel que liga Nossa Senhora aos Sucessores dos Apóstolos. Enquanto mãe, dos fiéis como dos pastores, modelo e imagem da Igreja, Maria apóia o Bispo no seu esforço interior de conformação com Cristo e no seu serviço eclesial. Na escola de Maria, o Bispo a contemplar a face de Cristo encontra consolação para realizar a sua

missão eclesial e forças para anunciar o Evangelho da Salvação. A materna intercessão de Maria acompanha a oração confiante do Bispo para mais profundamente penetrar nas verdades da fé e guardá-la tão íntegra e pura como esteve no coração de Nossa Senhora, para reavivar a sua confiante esperança que já vê realizada na 'Mãe de Jesus glorificada no corpo e na alma' e alimentar a sua caridade para que o amor materno de Maria anime toda a missão apostólica do Bispo" (cf. AS 35). "No altar, o Bispo fará seu *fiat* com que Nossa Senhora se ofereceu a si mesma no feliz momento da Anunciação e na hora dolorosa aos pés da cruz de seu Filho. Será precisamente a Eucaristia, 'fonte e apogeu de toda a evangelização', à qual estão intimamente unidos os Sacramentos" (cf. AS 35).

Realmente é pela oração que o Bispo obtém a luz, a força e o conforto para as suas atividades pastorais, lembrando da importância da celebração diária da Santa Missa e da oração da Liturgia das Horas, da adoração Eucarística, da reza do rosário e da *lectio divina* como oportunos meios que alimentam a sua fé e a vida segundo o Espírito, necessária para viver em plenitude a caridade pastoral no dia a dia do exercício do ministério, na comunhão com Deus e na fidelidade à sua missão.

"O Bispo, homem de fé, esperança e caridade, regulará a sua vida pelos conselhos evangélicos e pelas bem-aventuranças (cf. *Mt* 5, 1-12), para que também ele, como foi ordenado aos Apóstolos (cf. *Act* 1, 8), possa ser testemunha de Cristo diante dos homens, documento verdadeiro e eficaz, fiel e credível da graça divina, da caridade e das outras realidades sobrenaturais" (cf. AS 37).

Santo Agostinho define a totalidade deste ministério episcopal como *amoris officium*. Isto cria a certeza de que na Igreja nunca virá a faltar a caridade pastoral de Jesus Cristo. A caridade pastoral do Bispo é a alma do seu apostolado. A principal virtude de quem governa é ser caridoso: "Inflamado por esta caridade, seja o Bispo conduzido à piedosa contemplação e imitação de Jesus Cristo e do seu desígnio de salvação. A caridade pastoral une o Bispo a Jesus Cristo, à Igreja, ao mundo que importa evangelizar, e torna-o apto a servir de embaixador de Cristo (cf. *2 Cor* 5, 20) com decoro e competência, a empenhar-se todos os dias pelo clero e povo a ele confiados, oferecendo-se como vítima sacrificial em favor dos irmãos" (cf. AS 38). O Bispo exercerá a sua autoridade no espírito de serviço e a tomará como uma vocação para servir toda a Igreja com as mesmas disposições do Senhor.

Nesse sentido, é importante que o Bispo Diocesano ame a todos, particularmente seus Bispos Auxiliares e Eméritos e o seu presbitério, com

todo o povo de Deus confiado aos seus cuidados pastorais: "O Bispo deverá dar o maior exemplo de caridade fraterna e de sentido colegial, amando e ajudando espiritual e materialmente o Bispo coadjutor, auxiliar ou emérito, o presbitério diocesano, os diáconos e os fiéis, sobretudo os mais pobres e carecidos. A sua casa estará aberta como o estará o seu coração para acolher, aconselhar, exortar e consolar. A caridade do Bispo estender-se-á aos Pastores das Dioceses vizinhas, sobretudo as que pertencem à mesma metrópole e aos Bispos que mais precisem de atenção" (cf. AS 38).

O Bispo deve ser um homem prudente na arte de governar: "No apascentar do rebanho a si confiado, presta ao Bispo uma ajuda imensa a virtude da prudência, a qual é sabedoria prática e arte de bom governo, que requer atos oportunos e adequados à realização do plano divino da salvação e à obtenção do bem das almas e da Igreja, postergando qualquer consideração meramente humana" (cf. AS 40). O Bispo deve dialogar e respeitar os direitos dos outros: "Como pastor prudente, mostre-se o Bispo pronto a assumir as suas responsabilidades e a favorecer o diálogo com os fiéis; a fazer valer as suas atribuições, mas também a respeitar os direitos dos outros na Igreja. A prudência fa-lo-á conservar as legítimas tradições da sua Igreja particular, mas ao mesmo tempo fará dele um promotor do louvável progresso e um zeloso pesquisador de novas iniciativas, embora salvaguardando a necessária unidade. Desta forma, a comunidade diocesana seguirá pelo caminho de uma sã continuidade e de uma devida adaptação às novas legítimas exigências" (cf. AS 40).

O grande monge São Bernardo ensinou que: "*a prudência é mãe da fortaleza – Fortitudinis matrem esse prudentiam* – também se exige ao Bispo o exercício desta. De fato, ele precisa ser paciente no suportar das adversidades pelo Reino de Deus, como também de ser corajoso e firme nas decisões tomadas segundo as retas normas" (cf. AS 42).

Ao guiar os fiéis, o Bispo procure harmonizar o ministério da misericórdia com a autoridade do governo, a mansidão com a força, o perdão com a justiça, consciente de que "certas situações de fato não se vencem com a aspereza e a dureza, nem com modos arrogantes, mas antes com o ensinamento em vez do comando, com a advertência em vez da ameaça" (cf. AS 42). O Bispo deve cultivar a humildade e a compaixão dos irmãos.

O Bispo deverá ser e mostrar-se pobre, será infatigavelmente generoso na esmola e levará uma vida modesta que, sem tirar dignidade à sua função, tenha, porém, em conta as condições socioeconômicas dos seus filhos. O Bispo procure ser simples na postura, bem como igualmente

procure ser afável com todos e nunca ceda a favoritismos com o pretexto do patrimônio ou da condição social. O Bispo acolha aos pobres e humildes como Jesus, e frequente as periferias, os locais de maior complexidade social.

"O apelo à santidade exige que o Bispo cultive seriamente a vida interior, com os meios de santificação que são úteis e necessários a qualquer cristão e especialmente a um homem consagrado pelo Espírito Santo para governar a Igreja e para difundir o Reino de Deus. Antes de mais nada, procurará cumprir fiel e infatigavelmente os deveres do seu ministério episcopal, como caminho da sua vocação para a santidade. O Bispo, como chefe e modelo dos presbíteros e dos fiéis, receberá exemplarmente os sacramentos que lhe são necessários para alimentar a sua vida espiritual, como o são para qualquer membro da Igreja" (cf. AS 46).

É oportuno que mensalmente procure reservar um tempo adequado para o retiro espiritual, e anualmente para os exercícios espirituais.

O Bispo deve revelar-se cheio de humanidade, como Jesus, que é perfeito homem: uma humanidade profunda, um espírito bondoso e leal, um caráter constante e sincero, uma inteligência aberta e clarividente, sensível às alegrias e aos sofrimentos alheios, uma grande capacidade de autodomínio, delicadeza, tolerância e discrição, uma saudável propensão para o diálogo e a escuta, uma permanente disposição para o serviço.

No encontro com os Bispos do CELAM, no Sumaré, aqui no Rio de Janeiro, a parte final do discurso do Sumo Pontífice foi dedicada precisamente ao que deve ser (e não ser) o Bispo. "Ele deve guiar, que não é o mesmo que dominar." O Papa Francisco retomou o que teve ocasião de dizer aos Núncios Apostólicos, sobre os critérios a seguir ao preparar as listas dos candidatos ao serviço episcopal: "Os Bispos devem ser Pastores, próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão: pacientes e misericordiosos. Homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham "psicologia de príncipes". "Homens que não sejam ambiciosos e que sejam esposos de uma Igreja sem viver na expectativa de outra. Homens capazes de vigiar sobre o rebanho que lhes foi confiado e cuidando de tudo aquilo que o mantém unido: vigiar sobre o seu povo, atento a eventuais perigos que o ameacem, mas sobretudo para fazer crescer a esperança (o Bispo tem que cuidar da esperança do seu povo): que haja sol e luz nos corações. Homens capazes de sustentar com amor e paciência os passos de Deus em seu povo. E o lugar do Bispo para estar com o seu povo é triplo: ou à frente para

indicar o caminho, ou no meio para mantê-lo unido e neutralizar as debandadas, ou então atrás para evitar que alguém se atrase, mas também, e fundamentalmente, porque o próprio rebanho tem o seu faro para encontrar novos caminhos”.

O Bispo que reza pelos seus presbíteros e pelos seus fiéis tem a consolação de Cristo, que o constituiu sucessor dos Apóstolos. Sem oração e intimidade com Deus nossa ação pastoral se transforma em filantropia e não em itinerário de salvação.

† Orani João Tempesta, O. Cist.

Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ